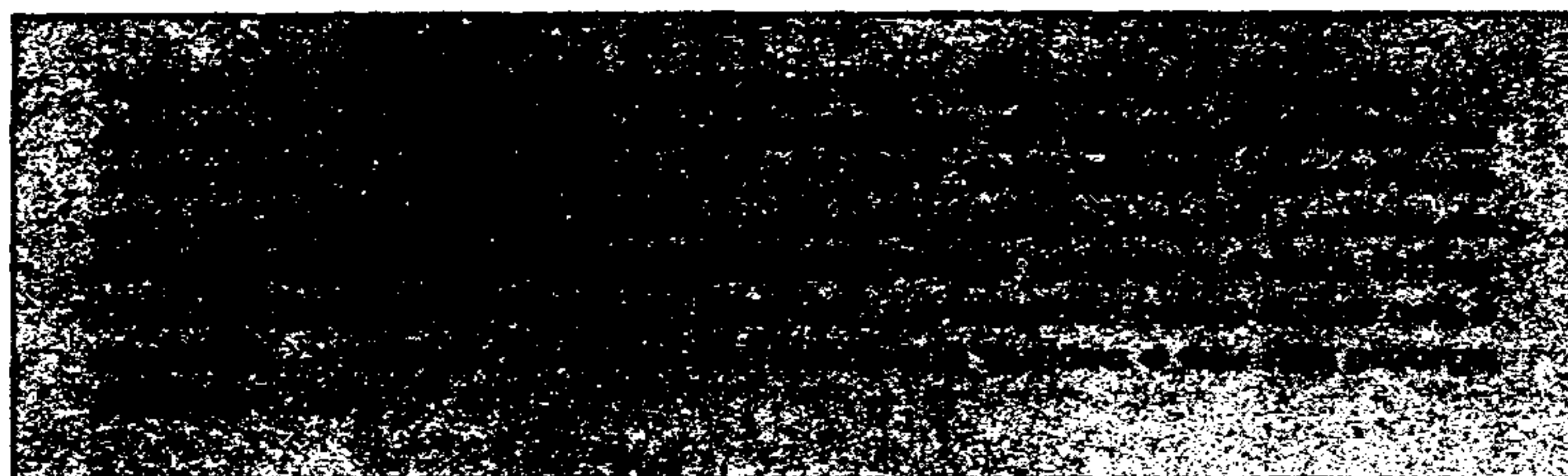


RISO, IRONIA E NACIONALISMO EM

Antônio de Alcântara Machado



Rui Nogueira Martins

Nunca é demais insistir no nome inteiro dele: Antônio de Alcântara Machado. **Antônio** com **ô** aberto e acento agudo, como assinava e era chamado. Diferente do **Antônio** com **õ** fechado da pronúncia carioca. O **ô** aberto é de Portugal, é mais paulista e era dele. O **Alcântara** com circunflexo no segundo **a**. A menção ao nome inteiro é também necessária para evitar a confusão em que ainda hoje incorre muita gente boa. Alcântara Machado (José) é o nome do pai, o imortal autor de **Vida e Morte do Bandeirante** e criador da explosiva frase: — "Paulista sou há quatrocentos anos."

Falando a propósito do centenário de Alcântara Machado — professor de

Direito, advogado, jurista, historiador, presidente da Academia Paulista de Letras, membro da Academia Brasileira de Letras — referi-me ao constrangimento, ao ciúme, cheio de orgulho paternal, provocado pela confusão, em cartas e citações de jornais, dos livros do pai com os do filho, publicados quase na mesma época, entre 1926 e 1930.

O embargo era recíproco, sem prejuízo do orgulho filial. O assunto revive agora. Na paciente e minuciosa pesquisa sobre a elaboração dos três livros de Antônio de Alcântara Machado, que acompanha a edição fac-similar de **Pathé-Baby**, **Brás, Bexiga e Barra Funda** e do **Laranja da China**, recentemente di-

vulgada, Cecília de Lara, autora do excelente estudo, cita trecho de carta que Antônio escreve a Prudente de Moraes, neto, a respeito da colaboração para a **Revista do Brasil**.

Antônio reclama: "**Não respeitaram em meu artigo a divisão em períodos. Passa. Mas por que não respeitaram a ortografia como fizeram com relação aos seus? / Outra coisa: Alcântara Machado é meu Pai. Eu sou Antônio de Alcântara Machado. No sumário figura meu Pai e não eu.**"

É bom martelar na coisa. Pai e filho merecem ser apreciados separadamente. São iguais no talento. As obras que produziram, porém, são inconfundíveis no gênero e no estilo com

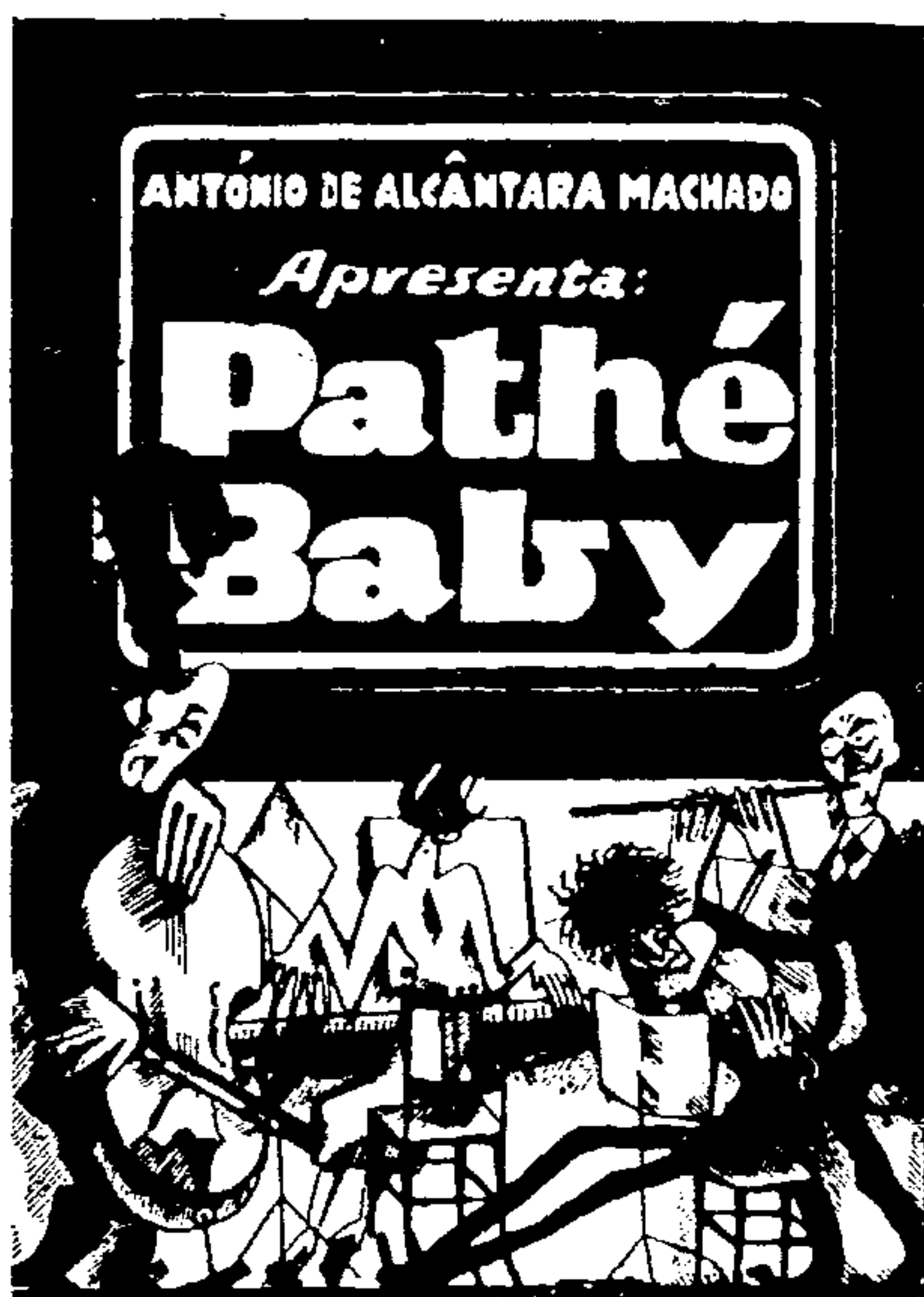
que as duas gerações contribuíram para a continuidade da fibra intelectual dos Machado de Oliveira.

Neste reencontro com Antônio de Alcântara Machado é que se comprova como é imenso o lugar de sua obra na vida literária brasileira. Impossível abrangê-la no seu conjunto e diversidade da matéria num **flash** como este. No

entanto morreu aos 33 anos.

Jornalista, crítico de arte do antigo **Jornal do Comércio**, de Mário Guastini, o escritor afirmou-se na corrente modernista publicando em 1926 seu primeiro livro, **Pathé-Baby**, nome inspirado na máquina cinematográfica da época. Contém impressões de viagem à Europa. "Primeira demonstração da prosa modernista" (Brito Broca), o livro é uma "caricatura da Europa" (Alceu Amoroso Lima), essa Europa "gostosa e ridícula" (Oswald de Andrade), "vista por um tipo de brasileiro que Joaquim Nabuco não previu" (Sérgio Buarque de Holanda). Só a atual edição fac-similar (na falta da original) permite avaliar a im-

Cinematografado o lado ridículo de alguns países da Europa
Pathé-Baby



Capa



Lisboa



Paris